

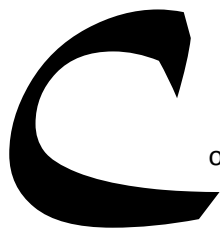
A Saga de

Mitrax

Do Surgimento dos Gênios

Autor:

Sérgio Roberto de Paulo



Conta-se que, em meados do ano de 799 da Era dos

Grandes Reis e Rainhas, um grupo de três magos foi enviado para a cidade de Mozerate, ao sul do Baixo Mégiõ. Sua tarefa era erradicar uma peste que assolava a cidade. Contudo, eles tinham uma outra missão, mas esta era secreta.

Porém, antes de seguirem viagem, dois deles, o Mestre Rigel e o seu discípulo, Aldebaran, apresentaram-se diante da Grande Rainha de Brenor. Atravessaram a passos suaves, mas firmes, o piso brilhante do salão de audiência do palácio real de Marmórea, carregando os seus cajados, e pararam diante do trono. A rainha Anahar sentava-se sobre o trono de madeira, folheado parcialmente com ouro, com ambas as mãos apoiadas nas laterais, e com olhar fixo e perturbador. Ao seu lado, em pé, estava o velho e sábio Castor que, de todos os magos encarnados de Lumeræ, era o mais idoso.

Os viajantes inclinaram-se e saudaram a rainha:

-Majestade... – disse Rigel.

Castor tratou de apresentá-los:

-Este, majestade, é o bem afamado Rigel, o professor. O jovem é o seu discípulo, Aldebaran.

A rainha nada disse a princípio, limitando-se a um quase imperceptível movimento com o rosto. Aldebaran notou que sua fisionomia, própria de uma mulher madura, mas ainda atraente, exalava força e determinação. Então, como era costume dos magos, ele passou a observar o entorno, discretamente.

-Bethelguelse – continuou Rigel – vos deseja felicidades num pleno tempo de vida.

A rainha sorriu discretamente e enigmaticamente. Então, fechou os olhos, e respondeu:

-Como está a Grã-Sacerdotisa? Ainda não me conformo de tê-la perdido para Lumerae!

-Está em pleno vigor, majestade. Ela nos enviou para vos servir.

Mas Anahar era objetiva e foi logo tratando do assunto.

-Recebi um mensageiro de Alba Alberis. O Rei Senino requisitou a ajuda de Brenor no sentido de erradicar, se possível, a peste de assola Mozerate há dois anos. Quero que ides até lá e resolvais a situação.

-Para isso estamos aqui, majestade. Já há um barco na Cidade do Porto a nossa espera.

-E há mais – adicionou a rainha, um tanto secamente. – Quando retornardes, quero que escoltais uma Filha da Lua de Altossanco para cá!

-Conforme o desejo de Vossa Majestade – disse suavemente Rigel, fechando os olhos e fazendo uma sutil reverência.

-Quero que partais o mais depressa possível!

-Alguma recomendação, majestade?

Anahar, então, observou que o jovem mago a tudo observava, mesmo discretamente. Comprimiu os olhos, sem desviá-los de Aldebaran. Quando este percebeu, ficou um pouco desconcertado. E, dessa forma, a rainha completou:

-Apenas erradicai a peste. Já tendes vossas ordens.

Então, Rigel inclinou-se, colocando a cabeça a altura do peito. Fechando os olhos, disse:

-Majestade...

E se virou para sair. Mas, enquanto se virava, sutilmente, olhou para Castor. O velho mago sorriu-lhe discreta e significativamente. Aldebaran também se inclinou e saíram os dois, apressadamente.

Meia hora depois, cruzavam as muralhas da cidade, através do Portão das Ondinas, ainda a pé, caminhando em direção aos seus cavalos, que pastavam soltos nas pradarias do

leste. Aldebaran tinha que fazer um certo esforço para acompanhar o seu mestre, pois o seu cajado era muito pesado. Tinha que caminhar batendo-o no chão de vez em quando. O cajado do experiente Rigel já era mais fino e leve, lembrando um pouco uma bengala, embora fosse feita de um pedaço de madeira um tanto irregular.

-Mestre... – indagou o discípulo, - ...e então?

-Definitivamente ela não sabe nada acerca de nossa verdadeira missão!

-Ainda não entendi porque ela não pode saber.

Então Rigel parou bruscamente. Olhou bem para o discípulo e disse, como quem leciona uma aula:

-Há coisas nesse mundo, Aldebaran, que é melhor que os humanos não saibam, mesmo se tratando de uma Grande Rainha.

O jovem olhou para o mestre atentamente, refletindo. Suas respostas quase sempre eram misteriosas. E não adiantava olhar para a sua barba cinzenta e curta. Não encontraria maiores esclarecimentos lá. Então, mais uma vez, se conformou com a resposta.

Assim, montaram nos seus cavalos brancos. Rigel apanhou o seu chapéu de imensas abas, feito de fibras de bambu e que pendia na lateral da sela, e colocou na cabeça. E eram tão grandes as abas que elas pendiam e, por isso, se torciam sob a ação da gravidade assumindo uma forma que lembrava, olhando lateralmente, o símbolo do infinito. E aquele não era um chapéu qualquer, era o Capelo de Atoz, o símbolo do professor titular de Lumerae.

Em algumas horas, cavalgando rapidamente para o norte, atingiram a Cidade do Porto. Lá, um veleiro lumeraeano os aguardava para a longa viagem. Subiram a rampa apressadamente e Rigel autorizou o capitão a zarpar imediatamente.

E, na saída do barco, conforme ele se afastava do cais e passava sob a estátua de Alionor, estando os magos debruçados sobre a amurada, perguntou o mestre:

- O que observaste na sala do trono, Aldebaran?

- A rainha pinta as unhas, mestre – disse o discípulo, parecendo intrigado. Os seus lábios estavam estranhamente mais rubros e... volumosos, mas... artificialmente inchados...

-E achaste-a atraente? – indagou repentinamente Rigel, comprimindo os olhos.

-Bem, eu... – hesitou o jovem mago.

-Ah, pensas que eu não percebi? Não desgrudaste os olhos dela!

-Mestre, eu... – tentou explicar o jovem, mas o professor o interrompeu:

-Sei que és jovem, Aldebaran, mas um mago não pode se deixar distrair. Lembra-te disto. Tua vida pode depender desta lembrança!

O discípulo ia abrir a boca para fazer outro questionamento, mas sentiu a aproximação de uma terceira pessoa. Surpreendeu-se ao ver Belatrix se aproximar. A maga, que usava uma roupa semelhante aos dois companheiros – uma bata azul claro com barra em forma de V e calças compridas da mesma cor – sorriu de orelha a orelha e exclamou:

-E aí, pessoal? Tudo em cima?

Ela não era mais tão jovem, já tinha cabelos grisalhos, e Aldebaran não podia imaginar quantos anos tinha. É claro, seria falta de educação, sendo ela uma dama, perguntar.

-Bela! – exclamou Rigel, abraçando-a.

Ela retribuiu o abraço, longamente. Depois bagunçou os cabelos de Aldebaran e disse:

-Já terminaste o Décimo Primeiro Ensino?

-Estou com dificuldade com o *Coniunctio*... – admitiu o jovem mago, um pouco envergonhado.

-Ah, esse é difícil mesmo! – disse ela, sempre sorrindo.

Depois, ela olhou animadamente alternadamente para os dois companheiros e indagou:

-E aí? Qual é a boa dessa vez?

-Vamos conter a praga de Mozerate – explicou Rigel.

-Oba! Estou dentro! – disse ela, sempre animada.

-Mas, antes, vamos parar em Karnevion – alertou o mestre. - Vamos precisar de um auxiliar...

-Quem? – indagou Aldebaran, já desconfiado de quem se tratava.

-Cornélius.

-Cornélius? – protestou o jovem. – Mas para que precisaríamos de um elfo na viagem?

-Bem... vós sabeis muito bem que não sou muito bom com matemática... – confessou o mago mais velho. – E depois... ele é meu assistente!

Aldebaran limitou-se a olhá-lo por alguns segundos, imaginando por que precisariam de um matemático para cumprirem aquela missão.

#####

O elfo notus subiu a rampa e, quando chegou ao convés, derrubou sua enorme mochila com estrondo. Alto e esguio, virou-se e acenou para seus companheiros. No cais, um

grupo de elfos zéphyros e bóreas despediam-se em grande algazarra, jogando seus gorros para o alto e gritando:

-Cornélius! Cornélius!

Elfos eureus voavam daqui para ali, em grande velocidade. Alguns deles voavam em torno da cabeça do assistente de Rigel fazendo um som engraçado e incompreensível. Mas os marinheiros humanos estavam com pressa e retiraram a rampa imediatamente. Recolheram as âncoras e o barco, lentamente, passou a se mover. Belatrix acenava para os elfos com ambos os braços, quase caindo da amurada e, quando estavam já a uma certa distância, enfiou os dedos na boca e assobiou alto. Aldebaran a conhecia há anos, mas nunca estivera em missão com ela. Pareceu-lhe meio louquinha. Mas, Rigel, parecendo ler os seus pensamentos, cochichou-lhe no ouvido:

-Belatrix é a mais querida das magas, Aldebaran. Lembra-te disso!

Somente então é que Cornélius se aproximou do sábio mago:

-Aos teus serviços, meu senhor! – disse ele, ajoelhando-se.

-Ora, Cornélius – vociferou Rigel, - vem cá e me dá um abraço!

Mas foi Rigel quem abraçou o elfo, tão logo ele se levantou. Aldebaran notou que ele ficou embaraçado com o abraço. Pareceu-lhe um elfo formal.

De fato, aquela foi uma longa viagem. O veleiro demorou cerca de vinte dias para percorrer o contorno do Rio Mégion, com ventos gelados contrários vindos do sul, até chegarem a Porto Bertha. Mas, no dia seguinte ao embarque de Cornélius, Rigel reuniu o grupo para discutir o real propósito da viagem:

-A erradicação da peste em Mozerate é importante, mas há um outro objetivo desta viagem que talvez seja ainda mais importante.

Estavam no interior da cabine do capitão do barco. Era noite e as luzes das vejas projetavam sobras fantasmagóricas nas paredes de madeira. Todos miraram o mestre, esperando que ele continuasse.

-Temos ordens de recuperar o cristal amarelo e guardá-lo na Cidadela de Lumerae.

Aldebaran engoliu a seco. Cornélius ficou com os olhos arregalados e Belatrix, sorrindo, disse:

-Então lá vamos nós!

-Mestre – disse o jovem Aldebaran, parecendo um pouco assustado, - mas o cristal amarelo é guardado pelos magos da Ordem de Escorpião... Não acredito que eles...

-Aparentemente teremos que roubar-lhes o cristal – disse Rigel, interrompendo o discípulo.

Cornélius arregalou ainda mais os olhos, desabafando:

-A insensatez de vossa linhagem me surpreende!

-Mestre – protestou Aldebaran, - eles são arqui-magos. A nossa ordem não tem oito séculos, enquanto que a deles... existe há... há...

-Cerca de cem mil anos – completou o mestre.

-E como poderemos enfrentá-los? – indagou o discípulo, com um certo desespero na voz.

Rigel, tranquilamente, ajeitou-se melhor sobre o caixote em que estava sentado. Firmou o cajado no chão e completou:

-Bem... acredito que teremos que ser mais espertos que eles. Mas o fato é que temos a informação de que as almas dos nossos colegas do sul se degeneraram e que eles sucumbiram à ambição e ao desejo de poder. Fomos informados que Antares liderou saques em Alba Sularis, tem recolhido ouro e diamantes, e escravizado seres humanos. Talvez a longa convivência com o cristal amarelo...

-Achas que se tirarmos o cristal deles – indagou Belatrix, - eles poderão se recuperar?

-Quem sabe, Bela?

-E tendes algum plano, senhor? – indagou o elfo.

-Bem... vamos até lá observar e... ver quais são as possibilidades. Mas, primeiro, temos que encontrar o caminho secreto que leva ao Vale de Machu. Essa é a primeira coisa que deveremos fazer. Enquanto erradicamos a peste, é claro!

Aldebaran e Cornélius se olharam. Estava claro que aquela missão não seria fácil.

#####

Seguiram a pé de Porto Bertha até Mozerate. A cidade ficava no fundo de um extenso vale. Assim, antes de entrarem nele, puderam avistá-la de longe.

-Vamos nos apresentar ao rei? – indagou Aldebaran.

-Não – respondeu tranquilamente Rigel. – Não estamos aqui para nos apresentar ao rei. Vamos nos misturar ao povo. Assim, poderemos descobrir se o rei é justo ou não. Então... loga da Invisibilidade!

-Oba! – exclamou Belatrix, já colocando a mochila no chão e a abrindo.

Cornélius subiu uma sobrancelha e abaixou a outra, declarando:

-Não estava preparado para essa eventualidade.

Mas uma roupa feita de sacos de batata veio voando pelo ar, atingindo em cheio o seu rosto.

-Toma essa! – exclamou Belatrix, já vestida como uma mendiga.

E assim, no dia 10 de junho de 799 da Era dos Grandes Reis e Rainhas, um grupo de quatro mendigos estrangeiros ultrapassou os portões da capital de Alba Alberis. E, dizem, espantaram-se com o estado da população, pois era grande o número de miseráveis e doentes que pereciam nas ruas, aparentemente abandonados. Belatrix foi a primeira que correu para o primeiro moribundo que jazia sem esperanças no chão. Ergueu-lhe a cabeça, deu-lhe água e disse:

-Tendes esperança, amigo. Estamos aqui para vos salvar!

E, durante seis meses, os magos, com a ajuda da população, produziram remédios, ensinaram as pessoas hábitos de higiene e produzir sabões e outros produtos. Orientaram a construção de esgotos, cisternas e aquedutos. Eliminaram ratos e outros transmissores e curaram um sem número de pessoas. Além disso, construíram uma escola. Cornélius formou professores de matemática e geometria. Belatrix, entendidos em medicina, e Aldebaran e Rigel, artesãos. Logo, é claro, sua fama percorreu a cidade e chegou aos ouvidos do rei, mesmo sem que ninguém desconfiasse que se tratavam de magos da Ordem de Lumeræ.

Mas os magos haviam descoberto que o rei não era injusto e o avaliaram apenas como ignorante. Ao fim desse período, o rei quis recompensá-los, mas Rigel apenas solicitou seis burros e algumas provisões. E assim, em dezembro, os magos deixaram Mozerate e partiram rumo a oeste.

Tão logo deixaram a cidade, Aldebaran sentiu-se seguro para perguntar:

-Mestre, para onde vamos?

Estava apenas amanhecendo e Rigel olhava pensativo o horizonte que se descortinava adiante. Na sua incomensurável calma habitual, sem tirar os olhos do horizonte, respondeu:

-Vamos consultar o oráculo, é claro!

-Oráculo? – indagou o discípulo, curiosíssimo e, ao mesmo tempo espantado. - Há um oráculo por aqui? É igual ao de Lumeræ?

-Quando a Grande Muralha foi construída – explicou Rigel, - três oráculos foram instalados. Conhecemos o de Lumeræ. E outro está perto da fronteira sudoeste de Alba Alberis.

-E o terceiro? Está em Sepitha?

-Não, não... mas entendo teu raciocínio. Seria um destinado a cada ordem... é claro. Mas o terceiro oráculo não está na cidade das Denassês. – Então o mestre olhou para o chão, enquanto o seu burro andava lentamente, parecendo pensar: - Na verdade, tecnicamente, creio que nem seria possível... Não. Para a construção da Muralha, Alionor teve que fazer um pacto com o próprio Mitrax e...

-Mitrax! – alarmou-se o jovem Aldebaran. – Como assim?

-Mitrax somente permitiu a construção da Muralha sob uma condição: Que um dos oráculos fosse instalado em Dracmali, a cidade dos anjos.

-Em Dracmali? Então é por isso que ele é tão bem informado?

-Bem, por isso e por outros fatores. Mitrax tem um sem número de informantes. Não me espantaria se ele soubesse o que estamos conversando agora!

-Ora, mestre – riu nervosamente o discípulo. – Estás a brincar? Como ele poderia?

Então, de repente, Rigel puxou os arreios de sua montaria, parando. Havia uma árvore na beira da estrada, que se destacava na vegetação baixa e no terreno pedregoso que percorriam. Apontou a árvore e disse:

-Estás vendo aquele pássaro?

Aldebaran olhou naquela direção e viu um anu preto pousado na árvore.

-Está nos seguindo desde que deixamos Mozerate – completou o mestre.

O discípulo olhou espantado para o pássaro e, ao mesmo tempo, se sentiu um tanto envergonhado por não tê-lo notado. E sabia que iria ser repreendido dentro de alguns segundos.

-Mesmo em situações aparentemente seguras e familiares, Aldebaran – alertou o mestre, ajustando o capelo de Atoz, - um mago nunca deixa de observar atentamente o seu entorno.

-Sim, mestre – disse Aldebaran, baixando a cabeça por alguns instantes.

#####

Dali a dois dias, após percorrerem mais de cem quilômetros por aquela estrada acidentada, que atravessava picos e vales e que, por vezes, desaparecia, chegaram até uma bifurcação. Rigel ficou em dúvida qual caminho seria o mais curto até o seu destino e, enquanto pensava, ouviram um gemido abafado. Cornélius, sendo um bom farejador, entrou na mata e logo descobriu a origem do som. Ele chamou os demais e logo todos se reuniam em torno de um tronco oco, provavelmente os restos de uma árvore morta há muito tempo e, na boca do tronco, destacava-se um traseiro, que se mexia para lá e para cá, enquanto tentava se libertar de uma boa entalção.

-Um gnomo? – indagou Aldebaran.

-É claro! – disse Belatrix, rindo. – O que mais poderia ser?

O gnomo aparentemente havia tentado entrar no tronco e se entalara lá dentro, ficando de fora a cintura para baixo. Somente os deuses saberiam quanto tempo estava lá.

-Senhor distinto gnomo – disse Rigel, - poderias fazer a gentileza de informar para que lado fica a tua aldeia? Acredito que estamos perdidos.

-Sim, não. Sul, não, norte! Norte! – disse a voz abafada saindo do tronco.

-Acredito que isso queira dizer que a aldeia fica no sul, ou seja, pelo ramo da esquerda da bifurcação – disse Rigel, baixinho, para os companheiros.

Depois ele voltou a se dirigir para o gnomo:

-Gostarias de alguma ajuda, senhor?

-Ah, por quem me tomas? – foi a resposta do gnomo. – Alguém que não tem controle sobre si mesmo? Aqui dentro está uma maravilha!

Mas Rigel conhecia muito bem os gnomos. Assim, encostou sutilmente o cajado no tronco e disse, suavemente:

-Putrefatio!

E o tronco se desfez em pedaços escuros.

O gnomo, que estava forçando para trás, caiu de costas no chão. Procurou se levantar rapidamente, olhou para um lado, para o outro e saiu correndo.

-Vamos atrás dele? – indagou Aldebaran.

-Sim – respondeu Rigel, prontamente.

Então, o jovem mago saiu correndo, montou no seu burro de um único salto, bateu-lhe na barriga com os calcanhares e saiu ao encalço do gnomo. Contudo, logo observou que os outros não estavam com pressa e, tão logo passou por uma curva, viu ao longe que os demais agora é que seguravam suas bestas para montar. Então, algo lhe ocorreu e relaxou as rédeas até que seu burro apenas trotasse.

Depois de alguns minutos, os demais se aproximaram, trotando sem muita pressa. Belatrix sorria para o jovem mago e Cornelius balançava a cabeça de um lado para o outro, parecendo pensar: “Ah, novato!”. Mas, mesmo assim, Aldebaran ousou perguntar:

-Não estamos com pressa em apanhá-lo? Não queremos saber onde fica a sua aldeia?

Como sempre Rigel, tendo o rosto parcialmente coberto pelo capelo respondeu calmamente:

-Bem, ele seguiu pela estrada, e está a pé. Logo se cansará. Não notaste como está gordinho?

E, de fato, menos de meia hora depois, encontraram o gnomo estendido de atravessado na estrada, com meio metro de língua de fora. E assim seguiram com ele. Ele disse que se chamava Lituin e indicou a direção da aldeia. Prosseguiram durante algumas horas,

período no qual o gnomo jamais tirou ambas as mãos dos bolsos do casaco. Aldebaran não resistiu e perguntou:

-Por que não tiras as mãos dos bolsos?

O gnomo indicou Cornélius com a cabeça e respondeu:

-É por causa *desse aí*. Não se pode confiar em um elfo. Ele pode pegar as minhas coisinhas!

Indignado, o elfo se defendeu:

-A cleptomania por objetos de pouco valor é uma característica da fase bóreas dos elfos. Eu me encontro estável na fase notus por mais de vinte e cinco anos.

O gnomo parou de andar e ficou bem olhando para Cornélius, piscando os olhos. Depois de alguns segundos, retrucou:

-Não entendi uma palavra do que dissestes. Mas tenho certeza de que me ofendestes de alguma forma!

E assim prosseguiram. Alcançaram a aldeia já no meio da tarde e tiveram que ouvir um sem número de histórias sem pé nem cabeça do gnomo, que falou sem parar durante todo o caminho.

A aldeia era protegida improvisadamente por uma alta paliçada circular de toras de madeira. Ultrapassaram o portão, que estava aberto e abandonado e, imediatamente, ouviram uma grande algazarra, apesar de não terem visto gnomo nenhum.

-Ah, estamos em festa! – exclamou Lituin.

De fato, a algazarra vinha de uma grande casa de madeira e parecia estar acontecendo uma festa lá dentro. Mas, ao caminharem para ela, desmontando dos burros, notaram que havia um gnomo fortemente amarrado e amordaçado num poste no meio da praça que antecedia o casarão. O pobre coitado do gnomo que estava amarrado tentava dizer alguma coisa, mas só conseguia emitir um gemido abafado.

-O que ele fez? Coitadinho! – exclamou Belatrix.

-Ah, esse é o Pom-Pom. Acho que amarraram ele para não atrapalhar a festa!

Então, passaram por ele e penetraram no casarão. Lá, havia uma bagunça total. Gnomos dançavam, batiam canecas cheias de cerveja umas nas outras, gnomas jogavam crianças para cima, outros cavavam buracos no chão de terra, uns cantavam já caindo de bêbados e outros se balançavam nos lustres.

-Ora! Uma típica festa gnoma! – exclamou Rigel, sorrindo.

Lituin correu para uma mesa no centro do salão e cochichou algo no ouvido de um gnomo que parecia ser o líder, e voltou acompanhado por ele, dizendo:

-Este é o Grande Rei Gdox!

O rei estava meio bêbado, pois não caminhou em linha reta, mas parecia estar ainda um pouco sóbrio, pois disse:

-Ah, magos! Mostrai-me as costas de vossas mãos!

Os magos compreenderam imediatamente e mostraram o que o rei queria ver. Ao constatar que as mãos não eram tatuadas, exclamou com apenas um olho aberto:

-Ah, magos de Lumerae! Viestes dar um jeito em Antares e sua turma, não é?

A essa altura, fez-se silêncio pois todos já haviam percebido a presença dos magos. Então, alguns começaram a falar:

-Antares tem saqueado as cidades humanas. Logo estará aqui!

-É! Ele é mau! – exclamou um outro.

-É precisamos dar um jeito nele! – disse um jovem gnomo tentando acertar o punho sobre a superfície de uma mesa, mas errou e caiu no chão, de onde não mais se levantou.

-Sim – disse Rigel, - viemos conferenciar com ele. Mas não sabemos o caminho para o Vale de Machu. Portanto necessitamos dessa informação.

-Ah, não sabeis o caminho! – exclamou o rei, balançando de um lado para o outro. – E quereis que o indiquemos, não é?

-Precisamente. Contamos com a vossa bondade e sabedoria nesse sentido.

Então o Rei Gdox fechou um dos olhos e, cruzando os braços, declarou:

-Ah, é? E quero saber o quanto eu ganho se vos der essa informação!

-Bem... – respondeu o mestre mago. – Acredito que não podemos pagar muito, mas... qual é o vosso preço?

O rei chegou a abrir a boca, mas Lituin lhe puxou o casaco. Gdox se virou para ele e ele lhe cochichou algo no ouvido, ao que o rei respondeu baixinho:

-Será? Mas será um preço muito alto!

Então, Lituin deu de ombros e respondeu:

-Não custa tentar!

E, em seguida, disse o rei, voltando-se novamente aos magos:

-Eu deveria pedir mil moedas de ouro, mas vou fazer uma pechincha: Eu vos conto o ultra-secreto segredo do caminho de Machu e vós leveis Pom-Pom convosco!

Imediatamente, houve uma explosão de declarações de todos os gnomos presentes:

-É! Leva ele!

-Pom-Pom vai embora!

-Leva ele! Leva ele! Leva ele!

Os magos olharam ao seu redor e se viram cercados por dezenas de gnomos que gritavam a mesma coisa, o que fez com que Rigel concordasse.

Bem, Pom-Pom era o indivíduo que estava amarrado e amordaçado. Assim, voltaram ao pátio. O Rei contou o segredo do caminho de Machu e ordenou que Pom-Pom fosse desamarrado. Então, um jovem e corajoso gnomo se aproximou pé ante pé e, com muito cuidado, afrouxou as amarras. Rapidamente, Pom-Pom se viu com os braços livres. Então, o destemido gnomo que o havia desamarrado saiu correndo e se escondeu dentro de um buraco. E, quando Pom-Pom tirou a mordaça e indagou, com uma voz de criança:

-O que está acontecendo aqui?

...todos os gnomos sumiram como um raio.

-Acredito que terás que vir conosco, meu caro amigo – disse Rigel.

Assim, o grupo agora constituído por três magos, um elfo e um gnomo, deixaram a aldeia, ao crepúsculo. Quando estavam a alguns metros além da paliçada, os gnomos apareceram no alto da mesma, para saudar a saída do grupo..

-Ê! Viva os magos! – gritavam, jogando os seus gorros para o alto.

-Mestre – comentou Aldebaran, em baixa voz, para Rigel, - não achas que eles estão felizes demais por levarmos esse gnomo conosco?

Mas o mestre nada respondeu, limitando-se apenas a concordar discretamente com a cabeça. Assim prosseguiram a viagem. Ao voltarem, passaram novamente pela bifurcação. De acordo com a informação de Gdox, deveriam retornar por onde vieram, mas Rigel prosseguiu para oeste, obrigando Aldebaran a perguntar:

-Machu não fica naquela direção?

-Sim, mas antes de encontrar com os nossos colegas escorpianos, vamos consultar o oráculo. É possível que colemos alguma informação importante. E depois, é responsabilidade dos magos verificar periodicamente o seu estado de funcionamento e, já que estamos aqui...

E assim foram, prosseguindo por mais dois dias pois, embora a distância não fosse tão grande, o terreno era acidentado. E, ao longo do caminho, começaram a descobrir o porque os gnomos estavam tão ansiosos por se livrarem de Pom-Pom, pois uma série de acidentes os interpelaram: árvores podres caíram sobre eles; galhos que vinham de não se sabe onde quase os atingiram – tiveram que ficar alertas sobre isso, abaixando-se ou desviando-se, ao menor som que ouvissem -; um tronco caiu do alto de um pinheiro atingindo um dos burros, deixando-o manco; outro se perdeu durante a noite, pois conseguiu se

desamarrar; e, ao final do último dia antes de chegarem ao Oráculo, um bando de macacos mal intencionados roubou a maior parte de suas provisões.

-Esse gnomo dá é azar! – declarou Aldebaran.

Então, no último dia de viagem, Rigel perguntou a Pom-Pom:

-Por que, afinal de contas, meu amigo, estavas mantido cativo durante a festa?

-Bem... – confessou o gnomo, tirando o gorro e segurando-o com ambas as mãos, - é que, quando eu estou perto, sempre alguma coisa acontece... E não é porque eu queira... É que... não sei porque acontece! Da última vez, o salão de festas pegou fogo!

-É? – indagou o mestre. – E podes me dizer o que causou o fogo?

-Bem... foi o dragão... – confessou o gnomo.

-Dragão? – espantou-se Aldebaran. – Não sabia que havia dragões por essas bandas!

-É! – continuou Pom-Pom. – Ele apareceu no meio da floresta e saiu correndo atrás de mim! Aí eu corri em direção à aldeia! Era um dragão branco!

-Um dragão branco! – admirou-se Aldebaran.

-E podes me dizer como era esse dragão? – indagou Rigel calmamente.

-Bem, ele tinha duas cabeças e era grande pra chuchu! Uma das cabeças exalava um fogo azul e a outra, um fogo vermelho!

Os magos se entreolharam e não mais perguntaram sobre aquele episódio. Mas tarde, cochicharam um para o outro:

-Que achaste da história do dragão, mestre?

-Obviamente o gnomo não estava mentindo. Como ele iria saber que os dragões albinos têm duas cabeças?

-Mas os dragões albinos vivem no País do Gelo, muito além da Ponta de Fogo. Há dezenas de milhares de anos um deles não é visto no continente! – objetou Aldebaran.

-Ah, vejo que leste o tratado sobre as doze espécies de dragões e trolls de Destiiron! Muito bem!

-Sim, mas o que o dragão fazia aqui, nesses tempos de aquecimento global?

-Os dragões albinos guardam a memória dos tempos glaciais... talvez algo o tenha atraído até aqui. Ou então... algo, lá no País do Gelo, o assustou...

-Mas, segundo o tratado de Destiiron, haveria uma terceira possibilidade: alguém o trouxe! – explicou Aldebaran.

-Sabes muito bem, se leste o tratado, que apenas uma pessoa...

-Sim – interrompeu o discípulo, - um Senhor do Gelo!

-Mas não é nossa prioridade investigar isso agora, Aldebaran – ponderou o mestre.

#####

Assim, no dia seguinte, chegaram até as proximidades da fronteira sul entre Alba Alberis e Monor, onde havia um labirinto natural de montes íngremes, onde estava o caminho para o Templo de Monor, que apenas os magos conheciam. Lentamente, atravessaram o caminho tortuoso e chegaram ao Templo, que estava em ruínas. Mas os seus altos zigurates ainda estavam em pé, embora o principal estivesse parcialmente ruído. Contudo, o Oráculo ficava nas catacumbas subterrâneas desse edifício, portanto, não fora afetado pelas Guerras de Lis, ocorridas há mais de um século.

Mas, para entrar nas catacumbas, Rigel teve que encostar o cajado numa parede aparentemente maciça, dizendo:

-Destilatio!

Então, parte da parede se moveu, revelando uma extensa escadaria por trás. Desceram, acendendo archotes e, após passarem por mais duas entradas secretas, viram-se num enorme salão. Ao centro, uma espécie de altar de pedra.

-É igual ao de Lumerae! – exclamou Aldebaran.

-Muito bem, Cornélius – disse Rigel, - é contigo agora! Pom-Pom, vai com ele!

Então, o elfo e o gnomo se aproximaram do altar.

-Mestre – cochichou Aldebaran no ouvido de Rigel, - ele pode dar azar!

-Notei um padrão nos eventos que nos cercaram após Pom-Pom se juntar a nós – respondeu o sábio mestre. – Notaste que o azar se refere àqueles que estão nas suas proximidades? Ele mesmo nunca sofreu nenhum viés!

Aldebaran pensou por uns instantes, depois completou:

-Achas que ele exerce uma espécie de influência em torno de si, sendo ele mesmo imune?

-Sim, e eu acho que se ele ficar bem próximo de uma pessoa, essa pessoa também não sofrerá esse campo de influência. – Depois Rigel olhou bem para o gnomo e, apertando os olhos, continuou:

-Acredito que há uma magia de alguma natureza atrelada a esse gnomo. Uma magia que ainda podemos aprender um pouco e que pode nos servir no futuro...

Cornélius tocou o altar e uma imagem holográfica surgiu sobre o mesmo. A imagem mostrou a figura de um homem de meia idade, da cintura para cima, com barba e cabelos cinzentos. Parecia ser um mago. Essa imagem, então, disse:

-Em que posso te...

E congelou. Rigel acabou de descer a escadaria e se aproximou de Cornélius. O gnomo tentava olhar sobre o altar, mas tinha dificuldade, pois tinha que ficar na ponta dos pés.

-Parece que está com defeito! – concluiu o elfo.

Imediatamente, algo aconteceu. Uma das paredes tremeu, enquanto a imagem do homem barbado sumia, e uma luz apareceu numa área semi-circular, com dez metros de diâmetro. Uma luz azulada que tremulava.

-O portal! – admirou-se Cornélius.

-Por que o acionaste? – indagou Rigel.

-Não fui eu! – respondeu o elfo. – Deve ser uma rotina automática!

Então o elfo examinou alguns parâmetros expressos em números na imagem holográfica e completou:

-Uma conexão automática e direta com a Grande Muralha foi estabelecida!

-Não estou gostando nem um pouco disso... – comentou Rigel, olhando preocupadamente para o portal recém aberto.

-Deve ser uma rotina de segurança. Alguém deve ter alterado a programação! – comentou Cornélius.

-Uma rotina destinada a eliminar visitantes indesejados, presumo eu – concluiu Rigel, ainda olhando para o portal. – Depois ordenou aos outros: -Magos, em posição!

Aldebaran e Belatrix começaram a se mover em direção ao mestre, mas, embora ela tivesse falado baixinho, Aldebaran pode ouvir claramente as seguintes palavras da maga:

-Sai, Babalu!

Enquanto a maga abanava o ar vazio ao seu lado.

Mas logo os três magos se perfilavam diante do portal.

-Ôpa! – declarou Cornélius. – Apareceu uma matriz aqui!

De fato, estampada na figura holográfica azulada sobre o altar, podia-se ver, agora, uma espécie de grade quadrada vazia.

-É uma senha! – concluiu o elfo matemático.

Nesse instante, gritos e urros de criaturas estranhas vieram do portal aberto. Aldebaran engoliu a seco, enquanto erguia o Cajado da Ira. Belatrix tirou sua pequena varinha, que não passava de um graveto com dez centímetros de comprimento, de um bolso no interior de sua túnica. Rigel, erguendo o Cajado do Suspiro, gritou para Cornélius:

-Quantas colunas?

-Nove! – respondeu o elfo de pronto.

Então, Pom-Pom, curiosíssimo, tentou colocar um dedo sobre a matriz, mas Cornélius deu-lhe um tapa na mão.

-É o Quadrado da Lua, Cornélius! – vociferou Rigel.

-Quadrado da Lua? Essa não! – comentou o elfo.

Os rugidos se tornaram mais fortes.

-Bela, pode identificá-los? – indagou Rigel.

A maga, sorrindo, virou bem um dos ouvidos em direção ao portal e não demorou muito para concluir:

-Creio que é um glimurdrom que galopa em minha direção e um bellatotroll se aproxima de ti. Aldebaran, que Encantamento usarias contra um utubrac adulto?

O jovem mago tremeu nas bases. Não tinha a mínima idéia de que Encantamento usaria contra um daqueles caninos de três toneladas e ele duvidava de que ela poderia deter um glimurdrom com uma varinha pequenina daquelas.

-Mestre – cochichou ele novamente para Rigel, - um glimurdrom a galope, e a varinha dela... é tão...

-Tão pequenina? – interrompeu Rigel. – Não faça pouco caso da Varinha Plácida, pois é a arma mais poderosa de Lumeræ depois do Cajado de Diamante!

Mas Aldebaran não teria mais tempo para maiores temores, pois, agora, sentia o chão tremer sob os seus pés. Além disso, Cornélius estava tendo dificuldade em desvendar a senha:

-Senhor – gritou ele, - não me lembro dos números!

-Lembro-me que o número setenta e sete está presente! – respondeu Rigel. -Num dos vértices, creio eu! E há uma coluna de múltiplos de dez, exceto na linha do meio!

Mas os animais já podiam ser vistos. Aldebaran, num gesto desesperado, apanhou o seu cajado pelo lado mais fino, com ambas as mãos. O primeiro que chegou foi o glimurdrom: uma espécie de rinoceronte do tamanho de um triceratops. Quando estava a cinco metros de Belatrix, ela acionou sua varinha, gritando:

-Calcinatio!

Então, um jorro de fogo intenso saiu da varinha, como se fosse da boca de um dragão salamandrino. O glimurdrom se incendiou espetacularmente e ainda deu alguns passos, como uma carroça desgovernada em chamas. Belatrix se desviou sutilmente e ele passou lotado por

ela, despencando alguns metros adiante, perto do altar. A maga imediatamente reapontou a varinha, gritando:

-Coagulatio!

O fogo se extinguiu e o glimurdrom calcinado ficou ali, imóvel.

Cornélius trabalhava desesperadamente, tocando rapidamente o lado inferior da imagem holográfica, onde coisas parecidas com botões virtuais apareceram. Colocava – escolhendo e arrastando Algarismos – números no interior da matriz. Quando acertava, os números ficavam azuis, mas quando errava, piscavam em vermelho. O trabalho era difícil, principalmente considerando que os números não pertenciam a um sistema decimal, mas ao sistema duodecimal dos anjos, em que os números um, dois, três, etc., são representados por um ponto, uma cruz, um triângulo, um quadrado, um pentagrama, uma estrela de Davi, uma pirâmide, um cubo, um eneagrama, uma árvore da vida, um *complexium* alquímico e um círculo com um ponto no meio, respectivamente.

Nesse instante, um troll alaranjado, furioso, apareceu do portal, diante de Rigel. Não era dos maiores, mas tinha pelo menos seis metros de altura. Ele parou diante do mestre, abriu os braços e soltou um horrendo uivo no ar, lançando baba por todo o recinto. É claro que o mago nem se mexeu e não se impressionou muito. Simplesmente, com sutileza, segurou o seu cajado e gritou:

-Coagulatio!

E o troll virou pedra.

Quase no mesmo instante, o utubrac, um canino rajado maior que um cavalo, apareceu correndo diante de Aldebaran. Este, ainda inseguro quanto aos Encantamentos, deu-lhe uma cajadada na cabeça, gritando:

-Cacetatio!

Normalmente, aquele golpe não intimidaria um utubrac adulto, mas aquele não era um cajado qualquer, era o Cajado da Ira e, além do mais, Aldebaran era um jovem mago de vinte e cinco anos e os seus músculos eram bem torneados. Assim, o canino ganiu e caiu para o lado, um pouco assustado. Mas Belatrix estava atenta e completou o ataque ao utubrac, gritando:

-Calcinatio!

E o animal teve o mesmo fim que o glimurdrom.

Logo em seguida, a maga se jogou no chão e, morrendo de rir e socando o chão, mal conseguiu dizer:

-Cacetatio! Essa é boa! Há há há!

Mas aquela era uma piada de magos, um tanto difícil de ser compreendida.

Mas Rigel não estava muito interessado em piadas. Ele ouviu um outro som vindo do portal e, seriamente, indagou à maga:

-Bela, podes identificar esse som?

Era uma espécie de guincho. Belatrix imediatamente se levantou e pôs-se a escutar.

-Uma kiche fêmea... – balbuciou ela, preocupada. – E não uma kiche qualquer, mas... uma kiche sinarita!

-O que é uma kiche sinarita? – indagou Aldebaran.

-Uma kiche imune aos Encantamentos – explicou Rigel. – O sistema de defesa do Oráculo está se reconfigurando. Encontra nossas fraquezas e produz uma defesa a altura. Precisaríamos de armaduras, lanças e espadas contra ela, mas não temos! Colocai vossos cajados em posição!

Assim, os três magos colocaram seus cajados e varinha na posição horizontal, apontados para o portal. Rigel, então, continuou:

-Se fostes fisgados, sereis estraçalhados em não mais que um segundo. Assim, estejais prontos. O melhor encantamento é *Calcinatio*, embora eu não esteja certo se será suficiente para impedir de sermos arrastados para as suas presas!

Rigel, de fato, duvidava do poder de qualquer encantamento contra aquela kiche. E o guincho já estava bem forte, indicando que ela atingiria o extremo do portal em instantes. A única esperança era Cornélius:

-Depressa, Cornélius! – gritou.

Os dedos do elfo voavam pelo painel holográfico, enquanto Pom-Pom o observava atentamente, comprimindo o nariz contra a borda do altar. O preenchimento da matriz estava indo rápido, mais rápido do que o elfo esperava, na verdade, mas eram oitenta e um elementos no total, um trabalho hercúleo, ao ponto de, logo após o apelo de Rigel, o elfo abrisse os braços e desabafasse:

-Tinha que ser justo o Quadrado da Lua?

Mas uma outra idéia ocorreu ao mestre. Então, ele olhou fixamente para a luz azulada do portal e balbuciou:

-És apenas fruto da minha mente. Não podes me fazer mal!

E, em seguida, fechou os olhos.

Aldebaran se espantou com aquilo. Como ele poderia lutar contra o monstro de olhos fechados? Então, olhou para Belatrix e viu que ela também fechara suas pálpebras. Foi quanto um guincho medonho veio do portal. Aldebaran engoliu a seco e disse para si mesmo:

-Devia ter arrumado outro emprego!

Então, uma haste negra e peluda, cheia de articulações, apareceu através do portal. Aldebaran já estava pronto a gritar *Calcinatio*, quando o portal se desfez.

Cornélius abriu os braços e, quase sorrindo, declarou:

-Consegui!

Rigel suspirou profundamente e então caminhou em direção ao elfo.

-Vê se consegues restabelecer conexão com o Oráculo – disse o mestre.

-Acredito que o Oráculo está danificado... – comentou o elfo, estreitando os olhos e ainda percorrendo o painel com os dedos. – Mas... há uma coisa aqui... uma mensagem, creio eu!

-Podes acessá-la?

-Sim – respondeu o elfo, imediatamente. Então, apertou um botão virtual e uma imagem apareceu no cilindro holográfico sobre o altar.

Parecia a imagem de um homem. Mas não era, pois possuía um par de alvas asas. Os olhos eram estreitos numa dobra mongólica, mas o mais extraordinário eram as imensas labaredas de fogo que brotavam de sua cabeça.

-Um anjo! – comentou Aldebaran.

-Não é um anjo – comentou Rigel. – Pensa bem, Aldebaran. Lembra-te do que estudaste nos livros.

-É claro! – disse o discípulo. – É um arcanjo! O arcanjo Gabriel!

-Gabriel, o Anunciador – completou Rigel. – O secretário pessoal do Senhor da Luz!

A imagem mostrava Gabriel falando, mas nenhum som era emitido.

-Não há som! – informou o elfo.

-Bela, o que ele está dizendo?

Felizmente, Belatrix tinha o dom de ler os lábios.

-Fala na língua dos anjos – declarou ela, e, com certa dificuldade, decifrou o que ele dizia, repetidamente: - “Levai o Cristal Amarelo a Marmórea!”.

Rigel apertou o cajado entre os dedos e pensou. Para Marmórea? Anahar jamais concordaria em se sentar sobre o cristal da inveja e da ambição. Além do mais, o caminho era longo e a rainha não permitiria que eles retornassem sem a Filha da Lua. Assim, teriam que passar em Altossanco antes, portando o cristal. Uma aventura muito arriscada por sinal. Isso sem falar que os colegas da ordem de escorpião jamais concordariam em entregar o cristal em bandeja.

Então, o velho mestre olhou para os companheiros e, novamente, suspirou.

#####

Assim, diante de uma ordem direta do Senhor da Luz, e sem terem recebido qualquer pista sobre alguma fraqueza dos magos escorpianos por parte do Oráculo, rumaram para sudeste. Então, caminharam por mais dois dias, desviando-se de galhos que caíam e pedras que rolavam, e chegaram até uma pobre vila, à margem norte do Rio Planoin, nas proximidades do início do caminho que os gnomos haviam revelado.

Era uma vila com poucos recursos, mas os magos necessitavam de provisões para prosseguir viagem. Assim, fizeram o que sempre faziam nessas circunstâncias: trabalharam. Belatrix e Aldebaran curaram um sem número de doentes. Rigel orientou a construção de uma roda d'água acoplada ao fole do ferreiro e também de um moinho. Além disso, orientou a confecção de chaminés mais eficientes em diversas residências e ensinou os artesãos locais a produzir carvão vegetal de melhor qualidade.

Dessa forma, permaneceram na vila por cerca de duas semanas. Nesse período, diversas coisas aconteceram. Os magos acabaram se apegando a Pom-Pom, pois ele se revelara um bom menino. Ele ainda não era adulto e se mostrava vivamente interessado em construir coisas e a ajudar, embora sua má sorte houvesse contribuído para arruinar diversos projetos de Rigel. Além disso, uma das pessoas que Aldebaran ajudara a curar era uma linda jovem sorridente. Uma camponesa que plantava tomates e maçãs e que tinha olhos vívidos e era cheia de vida. Seu nome era Celeste e, naturalmente, Aldebaran se apaixonou por ela, tornando-se o maior comedor de tomates e maçãs que o seu mestre já vira na vida.

Mas, no final das duas semanas, num dia à tarde, quando os magos estavam reunidos sob um pomar de altos abacateiros, Cornélius chamou Rigel a parte e lhe mostrou um desenho que fizera. No centro da folha de pergaminho élfico que utilizara, havia a figura de um gnomo e, em torno, linhas que constituíam uma forma semelhante ao campo magnético de um imã.

-Andei analisando os padrões de acontecimentos aparentemente casuais em torno de Pom-Pom – declarou o elfo.

-Sim? – indagou o mago, interessado.

Então, passando os dedos sobre o desenho, Cornélius continuou, falando empolgadamente:

-Cheguei à conclusão de que há um campo de distorção de probabilidade em torno do gnomo. Vê, até um metro de distância dele não acontecem revezes. Até acredito que quem estiver nessa região contará com maior sorte. Acho que tive isso na sala do Oráculo. Mas, além dessa distância, o azar impera, e a distância em que é mais intenso é mais ou menos a uma distância de dez metros do gnomo. Região a partir da qual a intensidade do azar passa a diminuir com o quadrado – ou talvez o cubo – da distância!

Rigel deu um tapinha nas costas do elfo e disse:

-Muito bem, Cornélius! Interessante magia essa que está associada ao gnomo. Pom-Pom deve ter tido um passado interessante, embora não se lembre dele. Talvez um dia

decifremos a origem dessa magia. Mas o que descobriste talvez possamos usar em nosso proveito, na nossa possível labuta com nossos colegas da Ordem de Escorpião!

Então Rigel se virou na direção de onde estava o gnomo. Ele estava sentado ao lado de Belatrix sobre um tronco apoiado sobre algumas pedras, a título de um banco. Ambos balançavam as pernas e estavam de costas para Rigel. Este se aproximou e viu o que eles estavam fazendo:

Pom-Pom segurava meio abacate na mão esquerda e, com a direita, o comia com uma colher. Mas olhava fixamente para a frente, com muito interesse. Sua postura muito se assemelhava a alguém que tivesse numa sessão de cinema, com um saco de pipocas na mão. Já Belatrix, encostada nele, estava com o queixo apoiado em ambas as mãos, e os braços apoiados sobre as coxas. Ao chegar, Rigel a viu suspirar, olhando na mesma direção que Pom-Pom, dizendo assim:

-Ah, o amor é lindo!

Então Rigel olhou na direção que os dois miravam e lá viu, a uns trinta metros mais ou menos, no meio da plantação de tomates, Aldebaran e Celeste que, ao invés de colherem aqueles legumes, conversavam um com o outro, com as suas faces muito próximas, sorrindo e com os olhos brilhando.

Rigel pigarreou, atraindo a atenção dos dois e, então, disse:

-Pom-Pom, preciso falar contigo!

O gnomo pareceu um pouco espantado, e não parecia disposto a largar a sua sessão de cinema e muito menos o abacate.

Mais Rigel o ficou encarando por alguns segundos, com as mãos nas costas e ele entendeu muito bem o recado. Então, desceu do tronco num salto e acompanhou o mago até o centro do pomar. Sentaram-se então, cada um sobre uma pedra. Rigel iniciou a conversa assim:

-Sabes, Pom-Pom, estamos prestes a iniciar uma empreitada muito perigosa.

O pequeno gnomo mirou o mago com a barba rala suja de abacate. Nada disse, esperando que o mestre prosseguisse.

-Cornélius acredita que desvendou como funcionam os revezes que acontecem em torno de ti – continuou Rigel. – Então... talvez consigamos utilizar isso em nosso proveito.

Pom-Pom ousou dar mais uma mastigadinha, mas ainda nada falou.

-Mas, não há nada que te prenda a nós. Assim, se quiseres ficar, ou partir... a escolha é tua!

O gnomo enfiou o último pedaço de abacate na boca e falou sem muita etiqueta:

-Sou órfão de pai e mãe... Meus tios não vão me querer de volta... Vós sois minha família, agora...

O gnomo disse isso com tanta sinceridade, embora, mastigando o abacate, parecesse casual, que Rigel fechou os olhos, como se lamentasse, e concluiu assim:

-Muito bem...

Mais tarde, após deixar Celeste em casa, retornando ao pomar sorrindo, já no início da noite, Aldebaran levou um susto ao encontrar repentinamente o mestre mago interpondo-lhe o caminho. Rigel estava com os braços cruzados, com o cajado preso na dobra do cotovelo. Olhava para o jovem seriamente. Então, finalmente disse:

-Precisamos conversar!

Aldebaran pensou: “Lá vem bronca!”.

Caminharam e sentaram-se nas mesmas pedras em que o mestre estivera com Pom-Pom.

-És jovem, Aldebaran – iniciou o mestre, pacientemente, - e teus hormônios estão aflorados, mas amanhã deveremos partir. Portanto... deves dizer adeus a Celeste.

-Mas, mestre... já? – indagou o jovem mago, surpreso com a iminência da partida.

-Nossa missão é mais importante, Aldebaran. Aliás, nossas missões. Se logramos êxito em capturar o cristal amarelo e sobrevivermos, vamos escoltar a Filha da Lua a Marmórea. Após isso e, depois de concluir os estudos do Décimo Primeiro Ensino, então poderás voltar e reencontrar com Celeste. Nada há que proíba que um mago de desposar e ter filhos com uma humana, somente não podes fazer isso com outra maga, sabes muito bem disso.

Aldebaran estava estupefado com a fala do mestre:

-Mas, mestre... nunca pensei em ter filhos e...

Então Rigel olhou bem nos olhos do discípulo e acrescentou:

-Mas quando um homem e uma mulher se olham daquele jeito... mesmo se tratando de um mago e uma mulher... bem... espíritos prontos a reencarnar começam a forçar os portões do inferno.

Aldebaran engoliu a seco e olhou para o chão.

-Vai – concluiu Rigel, - vai se despedir dela!

-Sim, mestre – disse Aldebaran, lentamente fazendo uma volta e retornando lentamente de onde veio com o coração na mão.

E assim encerrou-se a narrativa da relação de Aldebaran e Celeste neste episódio. É longa a história do amor entre os dois, de seus sofrimentos diante dos nefastos

acontecimentos do reinado de Bronuald Ankita e de como eles geraram três poderosas magas, cabendo apenas em outra narrativa.

#####

No dia seguinte, aos primeiros raios do sol, estavam entrando em uma pequena balsa. Um pescador os deixaria do outro lado do Rio Planoin, o qual não tinha praias, pois as montanhas do Vale de Machu se elevavam logo ali, projetando um paredão de centenas de metros emergindo abruptamente da água. Mas o rei gnomo havia indicado corretamente a posição da entrada do caminho, que aparecia discretamente, apertada entre duas montanhas, um pouco acima do nível da água.

O rio ali corria rápido, pois se estreitava. Assim, não havia como manter a balsa estacionada sobre a entrada do caminho. Contudo, o pescador conseguiu fazer com que o barco atingisse o ponto e Belatrix conjurou o encantamento *Coniunctio*, o que fundiu a madeira da balsa, com as pedras da margem. Assim, eles saltaram para a entrada do caminho, enquanto que o pescador, com um machado, soltou a balsa e voltou para a vila.

-Muito bem – disse Rigel, ajustando a mochila nas costas. – Temos um longo caminho pela frente!

Assim, caminharam por uma estrada sinuosa e pedregosa que serpenteava por entre as montanhas, em aclive. Passaram por diversos esqueletos humanos, e alguns gnomos, de infelizes que se aventuraram por ali no passado, o que fez com que Pom-Pom talvez se arrependesse de ter acompanhado os demais.

Foi somente no final da tarde do segundo dia, após vários quilômetros em descida, que atingiram as ruínas do que parecia ser um conjunto de templos.

-Já estamos em Machu? – indagou Aldebaran.

-Não – respondeu Rigel, - estamos nas ruínas de Andakhar, destruída nas Guerras de Lis.

Mal o mestre lumeraeano disse aquilo, o grupo se viu cercado por duas panteras albinas que sutilmente saíram por entre as ruínas. Eles estavam numa espécie de pátio, sobre um piso de mármore desgastado pelo tempo. As panteras passaram a rosnar e os circundar ameaçadoramente.

Mas Rigel conhecia aquelas onças. Então, gritou:

-Alniyat! Sou eu, Rigel!

Quando uma das panteras estava se aproximando de Pom-Pom, presentindo o seu tremor, uma voz veio de dentro das ruínas:

-Rhabba, Miosotis, aqui!

Ao ouvirem aquelas palavras, as onças correram até a voz. Então, apareceu uma maga, andando lentamente, vestida com uma túnica levemente púrpura, apoiada num frágil

cajado, embora ainda tivesse um aspecto relativamente jovem. Ao vê-la, Rigel disse aos demais:

-Essa é Alniyat, da Ordem de Escorpião, senhora das onças albinas.

Aldebaran segurou firme o cajado, pois não sabia se ela era amiga ou inimiga. Mas, pressentindo isso, o mestre acrescentou:

-Uma velha amiga!

Alniyat se aproximou mais e exclamou:

-Rigel! Que fazes aqui?

-Podemos conversar a sós, Alniyat? – indagou Rigel.

A maga o olhou por alguns instantes. Depois, com um gesto da cabeça, indicou um local, a sua direita, dizendo:

-Claro!

Então Rigel dirigiu um olhar aos demais e disse:

-Aguardai aqui.

E prosseguiu com a colega escorpiana. Entraram numa espécie de tenda, repleta de almofadas e tapetes. No centro, havia uma pequena mesa redonda de madeira, sobre a qual ardia um lampião. Ela se sentou numa cadeira almofadada e indicou uma pilha de almofadas para Rigel. Este se sentou lá e perguntou, desconfiado:

-Onde estão os outros, Alniyat?

-Espalhados por aí... – respondeu ela, tentando parecer casual. – A maioria está em Machu...

-E por que não está com eles?

Alniyat olhou bem para o lumeraeano. Sabia que não adiantaria mentir para ele.

-É Antares... Ele... está diferente...

-Diferente como, Alniyat?

-Poderoso, Rigel – respondeu ela, aparentemente muito preocupada, - muito poderoso! Não há limites para o seu poder! Ele... Ele... acho que pode mover montanhas!

-Ele tocou o cristal, não foi?

Então ela mirou diretamente os olhos do colega e respondeu lentamente:

-Todo nós, Rigel!

-Até tu, Alniyat? – indagou o mestre, alarmado.

-Eu... eu... esbarrei nele, por um breve momento...

Rigel olhou para ela, espantado.

-Sabíeis que não poderíeis!

-Antares... ele... seu corpo está diferente... sua mente está diferente... Foge, Rigel. Vai embora daqui, antes que ele te encontre! Salva a tua vida e de teus companheiros!

-Onde está o cristal, Alniyat?

-Antares o escondeu. Ele... ele não só o tocou, mas o acariciou... longamente... durante décadas, absorveu o seu poder, saboreando-o, tocando-o com a língua! – declarou a maga, emocionada, com lágrimas nos olhos.

-Tenho ordens de levar o cristal para Brenor – disse Rigel, calmamente.

-Não podes! – gritou a maga, levantando-se e quase perdendo o equilíbrio. – Antares te matará!

-São ordens, Alniyat...

-Ordens de quem? Antares é o guardião do cristal!

-Aparentemente não é mais... Em princípio recebi ordens de Bethelguelse, nossa Grã-Sacerdotisa. Mas depois, a ordem foi ratificada pelo próprio Senhor da Luz.

-Impossível! – exclamou a maga, espantada.

-Gabriel nos apareceu, Alniyat, e anunciou.

A maga esfregou os braços, como se sentisse frio. Rigel notou que ela tremia e procurava olhar para outros lados.

-Vou falar com Antares, Alniyat – declarou o mestre, levantando-se, resolutamente.

-Vais morrer!

Rigel fez um breve silêncio, mas depois continuou, como se ela nada tivesse dito:

-Eu espero que seja uma conversa amigável, mas se não for...

-Estás louco, Rigel... Não sabes o tamanho do poder dele... É tarde demais, Rigel... Nem uma potestade poderia detê-lo agora!

-Então... – disse Rigel, caminhando para a entrada da tenda, - que o Senhor da Luz nos proteja!

Depois ficou em silêncio por alguns segundos e, finalmente, completou:

-Espero que fiques do lado certo desta vez, Alniyat.

O mestre já ia saindo da tenda, quando ela praticamente gritou, aflita:

-Por que não demos certo, Rigel?

-Sabes o porque não podemos... – foi a resposta dele. E, então, saiu.

Alniyat se sentou novamente, lentamente. Chorando, passou a esfregar as pernas, como se sentisse imensas dores.

#####

À noite, acampados um pouco além das ruínas de Andakhar, Rigel, sentado sobre uma pedra, rodopiava seu cajado, fazendo um buraco na terra e pensando. Certamente, planejava o encontro com os magos escorpianos.

Aldebaran aproximou-se dele, cheio de dúvidas e conflitos.

-Mestre... não seria mais prudente voltarmos com reforços. Talvez se Bethelguelse estivesse conosco, ela...

Rigel não permitiu que o discípulo continuasse, interrompendo-o:

-Bethelguelse deixou bem claro que não voltássemos sem o cristal, Aldebaran!

Então, o mestre encarou o discípulo bem nos olhos e perguntou secamente:

-Estás com medo?

Aldebaran ficou alguns segundos em silêncio, hesitando. Finalmente respondeu:

-Sim...

Rigel mirou o chão e, ainda brincando com o cajado, acrescentou, num tom mais baixo:

-Eu também. Mas um mago não pode permitir que o medo o paralise. Devemos manter nossas mentes claras, ponderando nossa respiração, lembra-te?

-Mas então... mestre, eu... eu sou apenas um aprendiz... e nem domino os Encantamentos ainda... não saberia o que fazer em batalha... Na verdade, acho que vou apenas atrapalhar... instrui-me como enfrentá-los!

-Lembras-te do que disse sobre tua principal característica? Que tipo de mago és?

Aldebaran pensou por alguns instantes e, franzindo as sobrancelhas, respondeu:

-Um *blindado*? Mas isso é uma desvantagem! Significa que não tenho poder de clarividência, nem de psicometa... não posso ver espíritos, seres astrais...

-Na verdade, em nosso caso, Aldebaran, essa característica pode ser uma grande vantagem... Antares tentará penetrar em nossas mentes. Mas ele não conseguirá acessar a tua. Então, conto que ele ficará desorientado por alguns segundos. Alguns preciosos segundos...

-Mas... mesmo assim... eles são em oito!

-Acredito que Alniyat estará de nosso lado.

-Como sabes, mestre?

-Eu vi nos olhos dela.

O jovem mago ponderou por mais alguns segundos. Depois acrescentou:

-E Belatrix? Podemos de fato contar com ela? Ela... ela me parece meio... biruta!

Rigel começou a rir.

-Mestre, ela estava do meu lado, olhou para o nada e disse: “Sai, Babalu”. Mas não havia nada lá!

Ainda rindo, o mestre ponderou:

-Só porque nada vistes, não significa que não havia nada lá! Tu és um blindado, lembras-te?

Aldebaran parou para pensar. Mas o mestre continuou:

-Olha, Aldebaran, Belatrix é a mais querida das magas. E a mais poderosa também. Sua magia é muito mais forte que a de nós dois juntos. Além do mais, seu espírito é muito mais evoluído. Talvez seja por isso que não podemos compreendê-la completamente. De todos os magos de Lumerae, ela é a que está mais próxima de se tornar um anjo!

Aldebaran nada respondeu. Limitou-se a ficar pensando, com uma expressão tensa. Já Rigel puxou uma coberta e se deitou no chão para dormir.

-Acho que vou pegar no sono agora – disse ele.

-Mestre, vais dormir? Acho que não vou conseguir pregar o olho essa noite!

-Então, boa noite! Quanto a mim, vou dormir profundamente, pois já tenho um plano!

E, então, virou-se do lado e, imediatamente, adormeceu.

#####

Na segunda hora da manhã seguinte, avistaram, de longe, as muralhas de Machu.

O local parecia deserto e Rigel comentou, apoiando-se no cajado:

-Machu... uma cidade outrora opulenta e dinâmica. Mas agora... ninguém mais mora aqui!

Então se aproximaram e, de fato, observaram que a cidade parecia abandonada. Trepadeiras já invadiram as muralhas em muitas partes, cobrindo parcialmente as esculturas

em alto relevo de escorpiões que adornavam aquelas muralhas amareladas devido à composição da terra do vale.

Diante do portão, que estava em ruínas, eles pararam e Rigel deu as suas instruções:

-Eu e Bela vamos na frente. Falaremos com Antares. Cornélius e Aldebaran, deveis nos dar cobertura. Mas, Cornélius, guarda teu arco até que seja necessário utilizá-lo. Não queremos atirar primeiro. Pom-Pom, tu vais grudar em Aldebaran. Em hipótese alguma sai do lado dele!

Pom-Pom, como um bom soldado, bateu continência.

-Quanto a ti, Aldebaran – continuou o mestre – mantenha-te a uma distância mínima de pelo menos dez metros de Antares. Estamos contando com o campo de distorção de probabilidade de Pom-Pom. Tua principal tarefa é impedir com que os escorpianos se juntem. Deves impedir a conjunção deles de qualquer forma! Se Antares invocar o *coniunctio*, deverás contra-atacar com *destilatio* e, para que a magia seja forte, mantém o encantamento e evoca a *Ira do Rei*, entendeste?

-Sim, mestre – respondeu o discípulo, engolindo a seco.

-Muito bem. Eu espero que tenhamos apenas um conversa amigável, mas a nossa missão é levar o cristal, portanto, estejais preparados! Vamos!

Então, ultrapassaram os portões caminhando calmamente. Entraram numa espécie de pátio, que era enorme e assim descobriram um dos motivos pelo qual a cidade agora estava deserta. Uma imensa cratera havia surgido no interior da cidade e engolira prédios e palácios inteiros. E, de dentro da cratera, altas labaredas de fogo jorravam intermitentemente, de vez em quando.

-Parece que as histórias de que o Vale de Machu é a boca de um imenso vulcão estavam certas! – comentou Cornélius.

Imediatamente, Belatrix apontou para outro lado. Viram então que, a uns trinta metros de distância, alguém se arrastava no chão, parecendo ferido.

-Dschubba! – exclamou a maga. E saiu correndo.

-Esperai aqui! – disse imediatamente Rigel para os demais, expondo a palma da mão esquerda com os dedos abertos.

Depois, ele tirou o Capelo de Atoz da cabeça, jogando-o no chão e caminhou em direção ao mago escorpiano, olhando para todas as direções para se certificar que não caíra numa armadilha.

Belatrix já erguia a cabeça de Dschubba e acariciava o seu rosto. Rigel se aproximou e perguntou:

-O que aconteceu contigo, Dschubba? Onde estão os outros?

Mas o mago escorpiano parecia transtornado. Com uma voz entrecortada pelo medo e suando muito, o seu rosto gordo com os olhos arregalados vociferou:

-Antares! Ele quer... ele quer levar as minhas pernas!

-Tocaste o cristal, não foi, Dschubba? – indagou o mago lumeraeano.

-Todos nós tocamos! – confessou, trêmulo, o escorpiano.

Rigel fechou os olhos e já ia perguntar mais algo quando *ele* apareceu.

Simplesmente apareceu do nada. Materializou-se ali. Seu corpo estava imenso, extremamente musculoso e com cerca de dois metros e meio de altura. Estava com uma barba rala, escura, o rosto inchado como o de Dschubba. Carregava um imenso machado de dois gumes, apoiado no ombro. Não se assentava sobre o piso do pátio, mas flutuava a um metro do chão e suas pernas não mais podiam ser vistas. Olhou para os colegas lumeraeanos e sorriu.

Rigel se levantou lentamente, observando atentamente o líder da Ordem de Escorpião, dizendo:

-Olá, Antares, há quanto tempo não nos vemos!

-O que fazeis aqui? – indagou Antares, com uma voz grave.

-Bem, nós estávamos passando ali em frente – disse Belatrix, caçoando, - então resolvemos entrar e fazer uma visitinha. Tens chá com bolacha?

-Maga petulante! – vociferou o escorpiano. – Queres sentir o fio de meu machado?

Antares já ia elevar o machado contra a maga, mas Rigel desviou a sua atenção:

-O que aconteceu com tuas pernas, Antares?

-Não preciso mais delas! E Dschubba também não. Vamos nos livrar delas!

-Tocaste o cristal, não foi, Antares? Então perdeste o contato com a terra... E sabes, Antares, que um mago deve ter a mente aberta para acessar as estrelas, mas deve manter os pés firmemente assentados no chão, do contrário ele se perderá!

-Bobagem! – gritou o escorpiano.

-O próprio Senhor da Luz te confiou o cristal, Antares. Ele o depositou em tua própria mão. Tua missão era cuidar dele. Guardá-lo fora do alcance de todos, até que os homens tivessem maturidade espiritual suficiente...

-Bobagem! – repetiu o gênio. – O Senhor da Luz mentiu! Ele não disse quais eram as propriedades do cristal. Queria nos impedir de crescer! O cristal, Rigel, é a maior fonte de poder deste setor da galáxia! Ele não disse isso, não foi? Quando o cristal branco foi partido, todo o seu poder se concentrou no fragmento amarelo!

-Poder, Antares? Então é isso?

-Rigel, junta-te a nós! Verás um universo novo! Poderemos fazer coisas, juntos, que jamais imaginaste! – exclamou o gênio, olhando para o céu com olhos vidrados.

-E a tua varinha, Antares, onde está? – continuou o mestre.

-Não preciso mais dela também! Sabes, ontem, Rigel, voei pelo céu – continuou ele, olhando para cima, parecendo sonhar – e quase atingi o espaço sideral. E não precisei respirar! Em breve, Rigel, serei como os arcanjos, e talvez mais poderoso! Junta-te a nós!

-Se Rafael, o Executor, ouvir o que estás dizendo... ele virá e cortará tua cabeça com a sua espada flamejante!

-Há, há! – caçoou o gênio. – Não há limites para o poder do cristal! E esse poder é meu agora! Se não te juntares a mim...

-Uma varinha ou um cajado, Antares, representam o equilíbrio de um mago. Vivemos numa corda bamba, entre a caridade e a ambição, e tu sabes muito bem disso!

-Bobagens contadas por aqueles que querem nos enganar! Agora, Rigel, é que vejo tudo muito claramente! Agora é que os meus olhos estão abertos!

-Lembras-te qual é a maior máxima dos magos?

-Não me venhas com essas ladainhas lumeraeanas...

-Nunca leste os tratados de Sirius, não é mesmo, Antares?

-Pra que iria perder tempo com tratados de mil anos atrás quando sou aquele que tem cem mil anos! O que sois vós diante de mim? Formigas diante de um anjo!

-O que te tornaste, Antares... – exclamou Rigel.

-Eu sou aquele gênio que nega e que destrói! – declarou o escorpiano. – Sai da minha frente!

Então Rigel recitou a principal máxima dos magos:

-Fora da caridade não há salvação!

O líder escorpiano passou por entre Rigel e Belatrix, aproximando-se de Dschubba. Ele levantou o machado, enquanto que este estendia-lhe as mãos, implorando por piedade:

-Não, Antares! Não!

Mas o gênio foi rápido e, com dois golpes secos e rápidos, amputou-lhe as duas pernas, logo abaixo do tronco, fazendo um sangue escuro, quase negro, espirrar em todas as direções.

Os magos lumeraeanos ficaram chocados. Então, Antares virou-se lentamente para eles e declarou, com olhos flamejantes:

-Agora é a vossa vez!

Nesse momento, apareceram os demais. Um a um, se materializaram, cercando Rigel e Belatrix: primeiro Shaula, a companheira de Antares, depois os magos Sargas, Acrab e Lesath, e, finalmente, a maga Wei. Todos eles, grandes e fornidos. Todos eles sem as pernas, flutuando no ar.

Alarmado pelos seus instintos, Cornélius sacou seu arco das costas. Antares percebeu isso e já se voltava para o elfo, quando Rigel tentou atrair novamente a sua atenção.

-Onde está o cristal, Antares? Viemos apanhá-lo. Recebemos ordem direta de Gabriel para fazê-lo!

Ao ouvir o nome do arcanjo, Antares teve um momento de hesitação, e olhou na direção do prédio onde estava o cristal. Muito atento, Rigel percebeu isso. Mas Antares imediatamente compreendeu a manobra do mago lumeraeano, irando-se por ter sido enganado.

-Petulante! – gritou.

Então, estendeu a palma da mão na direção de Rigel e, com apenas um gesto, o projetou para trás. Rigel voou pelos ares, vindo a atingir dolorosamente o chão, próximo à borda da cratera.

Imediatamente, Belatrix sacou sua varinha, apontou-a para o líder rival e conjurou um dos mais nefastos encantamentos:

-Putrefatio!

Instantaneamente, Antares sentiu o poder da varinha. Sentiu o seu corpo se desfazer, mas o poder do cristal o manteve, embora tivesse que lutar muito e gastar muita energia naquele processo. Mesmo assim, o gênio conseguiu se aproximar da maga, e agarrar o seu pescoço com a mão, sufocando-a.

Vendo que Belatrix sucumbiria nas mãos do gênio, Cornélius disparou uma flecha, varando o pescoço de Antares. Então este se virou para o elfo, que estava a mais de quinze metros de distância. Jogou Belatrix longe, no chão, mas sua mente ainda manteve um poder sobre a maga, continuando a comprimir o seu pescoço e a sufocá-la.

Mas, quando Antares estava prestes a arremessar seu machado contra o elfo, num encantamento que certamente o atingiria, o escorpiano foi tomado por outro encantamento, enquanto ouvia a palavra:

-Coagulatio!

E constatou que o encantamento provinha do cajado de Aldebaran.

Então, Antares sorriu e disse:

-Há! Tão pequena é a vossa magia, que me causa cócegas!

Tudo isso aconteceu muito rápido. Nesse momento, os companheiros de Antares se preparavam para agir, mas, de repente, eles foram atacados por um sem número de panteras albinas.

Antares intencionava fulminar Aldebaran e Cornélius, mas percebeu que estava enfraquecido pelo encantamento de Belatrix e que mantinha ainda muito esforço da sua mente no ato de estrangulá-la. Viu que os seus companheiros estavam sendo atacados por panteras e, embora não duvidasse que eles pudessem lidar com qualquer número dessas feras, isso os ocuparia por segundos ou, talvez, minutos. Evidentemente, em adição, constatara que Alniyat o traía e Dschubba ainda se contorcia no chão de dor. Além disso, agora, Cornélius disparava uma saraivada de flechas, atingindo todos os seus companheiros entre os olhos. Isso não os mataria, pois eles estavam tomados pelo poder do cristal, mas os enfraqueceria.

Nesse instante, Alniyat apareceu, caminhando vagarosamente e com dificuldade. Sua fisionomia revelava dor, e seu espírito, espanto com relação aos atos do seu líder. Coincidentemente, nessa hora, Rigel começou a recobrar a consciência.

O poder do cristal deu a Antares o poder da tetravisão dos anjos. Assim, ao analisar tudo o que acontecia a sua volta, vislumbrou a possibilidade de derrota. E ele pressentiu algo que não compreendia, uma espécie de distorção artificial do campo de probabilidades. Em princípio imaginou que partisse de Aldebaran, mas, sua intuição ampliada foi capaz de identificar a fonte: o gnomo que, agora, se agarrava numa das pernas do jovem lumeraeano.

Este, em princípio, pensou “Hei, Pom-Pom, vais me atrapalhar!”, mas, imediatamente, lembrou-se que eram ordens de Rigel e voltou a observar o líder escorpiano atentamente.

E ele fez exatamente o que o mestre previra: olhando fixamente para Pom-Pom, gritou, abrindo os braços:

-Coniunctio!

Instantaneamente, uma espécie de raio branco saiu de seu corpo na forma de vários tentáculos, que se conectaram a cada um dos outros escorpianos, incluindo Dschubba e Alniyat. Então, aquele raio atraiu-os de encontro a Antares, lentamente.

Vendo aquilo, Aldebaran não teve dúvidas: apontou o seu cajado e gritou:

-Destilatio!

Um raio saiu do cajado e atingiu Antares. Aldebaran manteve, mas, como era uma magia de intensidade insuficiente, Antares sorriu.

Mas então, Aldebaran gritou:

-A Ira do Rei!

E o encantamento se tornou mais forte, empurrando Antares para as proximidades das bordas da cratera. Conseqüentemente, como os outros estavam conectados ao seu líder, também foram arrastados.

Nesse momento, Rigel já havia se levantado e posicionava o seu cajado contra Antares. Percebendo isso, este verificou que sua mente já estava saturada devido a tantas coisas que tinha que manter: a conexão com os demais, resistir ao encantamento de Aldebaran e segurar a garganta de Belatrix. Então, largou dessa última - que caiu para trás, com as mãos no pescoço, tossindo muito - e sua mente se apoderou de Rigel, tentando empurrá-lo para o interior da cratera.

Ao mesmo tempo, resistia à Ira do Rei, fazendo com que o cajado e todo o corpo de Aldebaran tremesse. Pom-Pom, que estava firmemente agarrado numa das pernas do jovem mago, quase nem podia ser visto direito. Seu gorro havia caído e seus olhos se transformaram num risco tremido, enquanto ele gritava:

-Ah-ah-ah-ah-ah-ah-ah-ah-ah!

Mas o poder de Antares era imenso e ele estava, gradativamente, ganhando a peleja, pois seus companheiros estavam agora próximos dele, pois arrastava também Dschubba - ainda deitado - e Alniyat - agora de joelhos. Aldebaran sentia que a intensidade do seu encantamento estava diminuindo e que ele não conseguira romper a conjunção entre os escorpianos e Rigel estava prestes a cair na boca do vulcão.

Mas algo aconteceu. Algo que a tetravisão de Antares não previra: um sacrifício pessoal. A iniciativa de alguém que se sacrifica pelos demais.

Belatrix se levantou e correu na direção de Antares. Correu mais que podia. E ela, apesar de possuir mais que trezentos anos, era muito rápida. Assim, se chocou em alta velocidade contra Antares, e o agarrou firme. O impacto o fez se projetar para trás e, um instante de hesitação fez com que não pudesse se desvencilhar do abraço da maga. Assim, ambos caíram na cratera, sendo que todos os seus companheiros foram também puxados para o precipício.

Belatrix e Antares, como um corpo só, voaram através do vazio, sendo que uma labareda os atingiu, incendiando-os e então, sumiram nas profundezas escuras inflamados como um cometa.

Todos os magos escorpianos também caíram dentro da cratera, com exceção de Alniyat que se agarrou por alguns instantes na borda, sendo que Rigel usou o encantamento *destilatio* contra o tentáculo que a segurava, rompendo-o e salvando a maga.

Desesperado com o que presenciara e, sendo muito emotivo, Aldebaran se ajoelhou e, projetando a cabeça para a frente, chorou copiosamente, repetindo quando podia:

-Belatrix... a mais querida!

Suas lágrimas passaram a pingar do rosto e molhar a terra amarelada, enquanto que Pom-Pom o observava tristemente.

Rigel ajudou Alniyat a se levantar e Cornélius, com os seus olhos com percepção superior, percebeu um pequeno objeto perdido no meio dos corpos de várias panteras. Correu até lá. Apanhou-o e o ergueu na palma da sua mão: era a pequena varinha de Belatrix.

Aldebaran não conseguia parar de soluçar mas, se ele pudesse vislumbrar o futuro, se ele pudesse adivinhar como reencontraria Belatrix, como a carregaria nos braços logo após ela nascer, na próxima encarnação, e como ela lhe sorriria, então talvez as suas lágrimas não fossem lágrimas de tristeza, mas de ternura e alegria.

#####

O barco singrava suavemente o Mégion em direção noroeste. Rigel olhava para o norte. Certamente imaginava como seria sua próxima missão, pois, naquela direção, ficavam as Montanhas da Lua, embora estivessem muito distantes para serem vistas.

Aldebaran refletia sobre os acontecimentos dos últimos meses, enquanto Cornélius dormia na cabine da popa. Eles permaneceram ainda quase um mês em Machu, cuidando de Alniyat. Ela ficara bem, mas suas pernas tiveram que ser amputadas. Assim, eles cuidaram dela até que a cirurgia estivesse suficientemente cicatrizada. Mas, sob o poder do cristal, logo ela aprendeu a flutuar pelo ar. Aldebaran despachara Pom-Pom para a aldeia de Celeste. Disse que cuidasse dela, o que o gnomo fez com satisfação, já que não possuía mais um lar. Ele e Rigel encontraram o cristal amarelo no prédio que o próprio Antares indicara. Enrolaram-no num manto grosso, tomando o cuidado para não tocá-lo e o colocaram dentro de uma mochila, que agora estava ao lado do elfo. E, durante os últimos dias em que permanecera no Vale de Machu, passara a maior parte do tempo contemplando as montanhas, imaginando qual seria o seu futuro.

Mas algo o inquietava e precisava fazer uma pergunta a Rigel.

Então, aproximou-se dele. Rigel usava o Capelo de Atoz e o vento o balançava, fazendo-o tremer suavemente.

-Mestre...

O professor se voltou suavemente e sorriu ao ver o discípulo:

-Sim?

-Eu estava pensando... – continuou o jovem mago, olhando para o piso do convés. – Sabes, poderias ter escolhido outro caminho, como fez Saiph. Quer dizer, ele era o teu discípulo favorito, mas escolheu o caminho da busca pelo poder... Bem... Por que escolheste o caminho de auxiliar os humanos, cuidar de doentes e tudo o mais... lutar pela justiça... Isto é, poderias usar teus poderes mágicos para adquirir riqueza... não prejudicar ninguém, mas ter palácios, servos, ouro, riquezas, regalias... Por que, Rigel?

O mestre, lentamente, tirou o capelo, para que o seu rosto ficasse mais visível. Então sorriu e indagou:

-Estás querendo dizer por que servir quando poderíamos ser servidos?

-Sim! – exclamou Aldebaran, ansioso para saber qual seria a resposta do mestre.

Então Rigel comprimiu os olhos e olhou para o céu. Pensou durante meio segundo e formulou uma resposta. Então, voltou-se novamente ao seu discípulo e, novamente sorrindo, respondeu:

-Bem... é o meu trabalho!

Então, recolocou o capelo e, calmamente, voltou a se debruçar sobre a amurada, olhando para longe.

Aldebaran ficou pensativo, mas... acabou concluindo que, de fato, aquela tinha sido uma bela resposta.